

Versión digital en :
<http://www.uam.es/mikel.asensio>

Documentação de fé: biografia e história social de objetos

Bianca Gonçalves de Souza y Eduardo Ismael Murguia

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Resumo: O estudo se desenvolve ligado à pesquisa, proveniente da área da Ciência da Informação, na qual o ex-voto é analisado como sendo uma materialização da informação. O documento precisa ser analisado em sua trajetória como objeto, mesmo antes de ser um objeto votivo, a fim de que se possa nela identificar os caracteres que o constroem como documento. O estudo tange a trajetória social dos objetos votivos, trazidos ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida/Brasil. Eles constituem uma documentação de fé, subsidiados por uma intencional relação entre fé, milagres, devoção e registro documental. Tais objetos constroem socialmente história e constituem biografias, as quais os individualizam, trazendo a eles o caráter de documento e de representação da relação entre Maria e o devoto. Ex-voto é o tipo de objeto dado como paga de promessa ou para pedir por uma intervenção divina. No Santuário de Aparecida, há um espaço dedicado aos ex-votos, no qual os objetos são ofertados e, posteriormente, atribui-se a eles novos rumos para os mesmos. Objetivo do trabalho é mostrar como a biografia do objeto fomenta a motivação do caráter documental desses objetos.

Palavras-chave: biografia de objeto; ex-voto; documento; informação; Santuário Nacional de Aparecida/Brasil.

Abstract: This research develops itself linked with the thesis, which is come from Information Science area, where the votive offering is analyzed as materialisation of information. The document needs to be analyzed in its trajectory as object, before to be votive offering, in a way to be possible to identify in this object the elements which construct it as document. Such study chases the social trajectory of votive offerings, came to the National Sanctuary of Our Lady who Appeared/Brazil. They constitute a faith documentation, subsidized by the intentional relation among faith, miracles, devotion, and documental record. These objects construct social history and constitute biographies, which individualize them, bringing to them the character of document and the possibility to represent the relation between Mary and the faithful person. The votive offering is a kind of object given as promise payment or to beg for a divine intervention. In the Sanctuary of Aparecida, there is a place dedicated to theses votive offerings, where the objects are offered, and, afterwards it is given to them new paths. The objective of this research is to show how the biography of the object foments the motivation of documental character of these specific objects.

Key words: biography of object; votive offering; document; information; National Sanctuary of Aparecida/Brazil.

Introdução

O contexto Cristão-católico brasileiro compreende uma diversidade de manifestações e devoções, no entanto concentra na região do vale do Rio Paraíba (distante há quase 200km de São Paulo e localizada no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, região essa margeada por uma das principais rodovias brasileira, a rodovia Presidente Dutra) o principal pólo religioso católico brasileiro. Nessa região estão três cidades relevantes nesse cenário: Guaratinguetá, Aparecida e Cachoeira Paulista.

Com exceção da última localidade – que concentra uma famosa emissora de televisão e de rádio, chamada Canção Nova – as outras duas possuem destaque pelos santuários que abrigam. Guaratinguetá é o município onde nasceu, no século XVIII, o primeiro santo oficialmente canonizado pelo Vaticano, frei santo Antonio de Sant’Anna Galvão (1739-1822), que teve sua santidade reconhecida em uma solenidade no ano de 2007, na cidade de São Paulo, evento que contou com a presença do Papa Bento XVI.

Aparecida é o município que abriga o maior santuário mariano do mundo (em área), o Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Uma

pequena estatueta de terracota fora pescada no rio Paraíba no ano de 1717 e desde então as romarias e devotos acorrem ao local para pagar suas promessas, pedir graças e visitar esse famoso santuário religioso brasileiro. Porém, antes de tratar da coleção de ex-votos que há no Santuário Nacional, mister se faz rapidamente fazer um histórico da estátua e da construção desse espaço sagrado.

A imagem de Aparecida e o Santuário Nacional

A estátua de Nossa Senhora da Conceição Aparecida traz as seguintes características: ancorada em um suporte, a estátua tem cabelos longos, veste um manto azul e uma coroa de ouro na cabeça, esta fruto de um concurso ocorrido em 2004, no qual vários profissionais fizeram réplicas para concorrer ao novo modelo que ornamentaria a imagem¹⁷). A pequena estatueta foi pescada em um rio da região, o Paraíba do Sul.

De outras maneiras semelhantes a essa, sempre remetendo à pescaria de Felipe, João Domingos, é contada em livros¹⁸ a história de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, objeto que é o centro e a origem da construção do que hoje é o maior santuário mariano do mundo. É uma narrativa que remete ao surgimento da estatueta; variando alguns elementos em torno dessa pescaria, construíram-se histórias que contam como a santa emergiu das águas. Uma imagem escura, singela, o surgimento das águas, tudo isso ajuda a compor, em certo sentido, um mito de origem da estátua de Aparecida.

Para Lévi-Strauss (1996, p. 242) os mitos têm um caráter linguístico intrínseco, ou seja, sem a linguagem e a fala, o mito não se justifica nem existe.

Além disso, para Eliade (2002, p. 22) o mito não apenas explica como se constituem a História de seres sobrenaturais; essa História é tida como verdadeira e sagrada, pois remete à “‘criação’, contando como algo veio à existência”. O mito é reconhecido também pela possibilidade que oferece às pessoas de conhecerem as origens das coisas, bem como uma maneira de vivenciar o sagrado.

17 Há uma primeira coroa, também feita em ouro, doada pela princesa Isabel, em 1884. Ela pediu à santa que pudesse engravidar. Quando conseguiu o feito, doou a pequena coroa para ornamentar a imagem. Essa, porém, só passou a compor o todo em 1904, quando houve uma celebração para a coroação oficial da imagem da Aparecida.

18 Alguns desses títulos são mencionados na bibliografia dessa tese, tais como Azevedo (2001), Brustoloni (2004), Megale (2007), Ribeiro (2004;2007).

Em *O sagrado e o profano*, Eliade (2001) reforça a discussão sobre a religião, indo além da discussão do mito. Destaca que qualquer religião tem a necessidade de materializar o mundo sagrado: nesse sentido, estátuas, objetos, lugares sagrados são componentes necessários que aproximam as pessoas do mundo do sagrado. O Santuário Nacional de Aparecida (SNA) localiza-se no vale do rio Paraíba, no município de Aparecida/SP. Cidade pequena, Aparecida tem sua origem e destaque no Brasil associados à história da estatueta. O município vê boa parte de sua arrecadação e das oportunidades de trabalho oferecidas pelo SNA.

Santuário, nesse sentido implica em uma forma concreta de tomar contato com o sagrado. Sugere também uma representação social de algo etéreo e em um projeto de dimensões material e simbólica. No que tange ao simbolismo, então, dentro de uma perspectiva católica, pautada pela interpretação litúrgica do espaço, o santuário é analisado como a morada do Deus que ali habita.

O SNA, em parte, se assemelha a um memorial. Isso porque ele pretende preservar (por meio das dores, dos pedidos e das graças, pelas experiências vividas pelas pessoas) a memória da Aparecida. Não raro encontramos uma ampla bibliografia em que os memoriais são analisados como espaços dedicados à memória de eventos, tais como memoriais de guerra, de atrocidades ou catástrofes¹⁹.

Há um elemento em comum entre os trabalhos sobre memoriais: a memorialização, um exercício constante de celebração, memorização e manutenção de um fato, evento ou pessoas, a fim de tornar ativa na memória social de um grupo ou coletividade um dado que não se pretende esquecer. O processo de memorialização ajuda a constituir o chamado lugar de memória (NORA, 1993), responsáveis por lembrar aquilo que a memória social não dá conta de recordar.

O complexo que envolve a Basílica Nova não se limita somente a essa construção: em frente da imensa igreja, é possível visualizar parte de um dos estacionamentos (com nomes de apóstolos de Jesus Cristo), bem como aparece o início do caminho coberto por toldos na cor marrom que leva ao Centro de Apoio ao Romeiro (CAR). A área total do complexo, construída, conforme consta do kit entregue à imprensa é de 18 mil metros quadrados (SANTUÁRIO, s.d.). Essa dimensão tende a crescer, pois ainda agora o SNA amplia sua estrutura, pois está em fase de edificação e finalização de um grande espaço para recepção de romeiros, atrás da praça de alimentação do CAR.

19 Williams (2007), Templer e Radford (2007/08), Thaler (2008).

Sendo assim, a Basílica Nova e todo seu entorno compõem um grande e diversificado espaço: as pessoas podem orar, passear, distraírem-se. As grandes dimensões da Basílica Nova, todavia, com toda essa estrutura circundante - semelhante a um parque temático, muitas vezes traz a sensação de uma espetacularização, assim como Guy Debord [2003] interpreta o espetáculo. Participar de um espetáculo é observar algo grande, gigantesco, um evento ou um lugar, no qual o indivíduo percebe e se sente o tempo, além do que trata-se de algo que nos envolve em um tempo histórico.

Grandiosidade, aparência, expressão de uma sociedade, são alguns dos elementos que são identificados no espetáculo e que fazem parte do contexto em questão. O SNA emprega, assim como o espetáculo, o tempo a seu favor, utilizando-o de uma maneira que favoreça a manutenção dessa memória.

Além de vivenciar o espaço como algo espetacular, há a grandiosidade que é própria da Basílica Nova: tudo muito grande, muito alto e espaçoso, fazendo do lugar algo enorme perto da pequenez em dimensões da imagem de 39 cm pescada no rio Paraíba em 1717. Oposição que leva a refletir sobre como é a relação com a miniatura e o gigantesco. Para Stewart (2007, p. 71):

Our most fundamental relation to the gigantic is articulated in our relation to landscape, our immediate and lived relation to nature as it “surrounds” us. Our position here is the antithesis of our position in relation to by it, enclosed within its shadow. Whereas we know the miniature as a spatial whole or as temporal parts, we know the gigantic only partially. We move through the landscape; it does not move through us. This relation to the landscape is expressed most often through an abstract projection of the body upon the natural world. Consequently, both the miniature and the gigantic may be described through metaphors of containment – the miniature as contained, the gigantic o container²⁰ .

20 Nossa relação mais fundamental para com o gigantesco é articulada em nossa relação com a paisagem, nossa relação imediata e vivida para com o natural como se ele envolvesse-nos. Nossa posição aqui é a antítese de nossa posição em relação para com ele, fechada sob sua sombra. Ao passo que nós conhecemos a miniatura como um todo espacial ou como partes temporais, nós conhecemos o gigantesco somente parcialmente. Nós nos movemos através da paisagem; ela não se move através de nós. Esta relação para com a paisagem é expressa mais frequentemente através de uma projeção abstrata do corpo sobre o mundo natural. Consequentemente, ambos a miniatura e o gigantesco podem ser descritos através de metáforas de conteúdo – a miniatura como contida, o gigantesco como contêiner (Tradução livre).

21 Dados apresentados mensalmente no sítio do SNA. Disponível em http://www.a12.com/noticias/noticia.asp?ntc=santuario_nacional_encerra_o_ano_de_2010_com_movimento_de_mais_de_10_milhoes_de_visitantes___.html, acesso em 17 jan. 2011.

O ano de 2010 encerrou a contagem de romeiros no dia 26 de dezembro, atingindo o número recorde de 10.264.354 visitantes. Também em 2010, superou a marca anterior de público em um único dia: 245.023 em 14 de novembro, contra os 231 mil contabilizados em 20 de outubro de 2002. Para o primeiro mês de 2011 a previsão de visitantes girava em torno de 316 mil²².

A sala das promessas e os ex-votos

A sala das promessas é aberta ao público para que ali se conheça a manifestação de fé de romeiros que crêem ter sido agraciado por Nossa Senhora Aparecida. Ao longo da totalidade das paredes e do teto estão coladas fotografias ali deixadas por fiéis. Algumas prateleiras, gôndolas e estantes armazenam peças doadas por peregrinos como sinal de gratidão. Dentre esses há os deixados por sujeitos anônimos, bem como outros conhecidos, como uma réplica do capacete do piloto de fórmula 1, Ayrton Senna, camisetas autografadas por jogadores de futebol, dentre eles, Ronaldo Nazário, conhecido como Ronaldo Fenômeno, etc.

Compreende uma área muito grande, na qual trabalham pelo menos de 10 a 12 funcionários, revezando-se todos os dias, das 8hs às 17hs, no recebimento desses objetos. Para se ter uma ideia da quantidade de ex-votos, em um sábado do ano de 2009, somente no período da manhã, um funcionário registrou mais de 400 ex-votos, fora os outros funcionários que também exerciam a mesma função.

No portal A12.com consta que a sala das promessas é o segundo lugar mais visita-do do SNA, só perdendo para a visita da imagem de N. Sra. Aparecida. Recebe, em média, mensalmente dezenove mil objetos e, nos meses de outubro, esse número alcança trinta mil²³. Conforme o portal são setenta mil fotos que ornamentam a sala das promessas e, na entrevista feita com o padre Rodrigo Arnosso, responsável pela sala em 2010, essas eram trocadas, ao menos, uma vez no ano.

Um objeto pode se tornar objeto votivo porque uma promessa ou uma graça alcançada, na visão de um devoto, o transformou como tal. Uma cédula de dinheiro, um jogo de chá, uma maço de cigarros, roupas, órgãos humanos, tudo que pode ser compreendido (na visão do devoto e porque está delimitado ao

22 Final de semana de 15 e 16 janeiro: expectativa de 120mil; 22 e 23 janeiro: expectativa de 108 mil; 29 e 30 de janeiro: expectativa de 90 mil. Disponível em http://www.a12.com/santuاريو/servicos/servicos.asp?srv=srv_estimativa_de_movimento.html, acesso em 17 jan 2011.

23 Disponível em http://www.a12.com/santuاريو/pastoral/sala_das_promessas.asp, acesso em 27 de agosto de 2011.

espaço de um lugar sagrado, como é o caso da sala das promessas, do SNA) como objeto votivo está apto a receber esse valor biográfico. O objeto que se torna um ex-voto pode ser qualquer coisa, desde que tenha uma biografia que o valide, o confirme enquanto tal. Ele precisa mais do que a materialidade para ser ex-voto, para estabilizar essa relação de fé e devoção com Nossa Senhora Aparecida: o objeto votivo precisa estar no espaço da sala das promessas ou, ao menos, do SNA, para ser visto como tal e isso ocorrem porque alguém o levou até lá. O ex-voto se destina a esse espaço, porque houve um fato, uma motivação por parte de alguém que viu nele, no objeto, a relação de fé entre ele e a imagem de Aparecida. Objetos podem ser possuídos, estocados, manipulados, manuseados por qualquer pessoa. Possuem valor, os quais são atribuídos a eles pelos indivíduos. A forma física deles permite que contatemos essa esfera abstrata, divina, ideal que não podemos tatear, pois está além da materialidade mundana. Sem o material, o imaterial não se constitui. Sem o gigantesco, a miniatura não se constrói, sem o descartável, o que é perene não tem razão de ser. Na composição desse cenário, é que se propõe alicerçar a análise desses objetos em dicotomias selecionadas, que nos auxiliarão a bem conhecer, interpretar e perceber o que são os ex-votos do SNA e como eles medeiam relações sociais e concretizam em si mesmos o caráter documental. Sendo assim, as dicotomias são marcantes dentro do SNA e são uma reprodução de dicotomias que são próprias do pensamento ocidental moderno.

Modern Western thought places a low value on the material world and its products, paralleling traditional Christian morality: both are at odds with modern Western capitalism, which places an inordinately high value upon the possession of material. This is one of the fundamental paradoxes of Western life, and museum collections are part of the heart of it. Here we are concerned with the role Western philosophy has allotted to material culture, a role which objects are seen as merely the outcome or the product – or even the detritus – of primary thinking, feeling and acting which is carried out elsewhere (PEARCE, 1993, p. 17)²⁴. A apreensão que se tem, no todo, tanto dentro da sala das promessas, como no SNA, é que o gigante

24 O pensamento moderno ocidental coloca um baixo valor sobre o mundo material e seus produtos, paralelamente à moralidade tradicional cristã: ambos são discordantes com o capitalismo ocidental moderno, o qual atribui um valor excessivamente alto sobre a posse do material. Isto é um paradoxo fundamental da vida ocidental e coleções de museus são parte central disso. Aqui nós estamos preocupados que regra a filosofia ocidental tem atribuído para a cultura material, uma norma na qual os objetos são vistos como meramente o resultado ou o produto – ou mesmo o detrito – de um pensar primário, sentir e agir, o qual é posto em prática em qualquer lugar (Tradução livre).

se valida na relação com a miniatura, e outras tantas dicotomias se constroem nesse espaço. Essas dicotomias vão se dando o tempo todo e foram escolhidas para a reflexão desse trabalho para classificar esses espaços e objetos que, dentro do Santuário de Aparecida, definem uma história social como objetos votivos.

Por história social dos objetos se entende o conjunto de percursos, caminhos e desvios que definem a vida social do mesmo. A história social dos objetos depende do uso e das relações que esse objeto auxilia a alinhar. Qual a relação, por exemplo, do homem com o chapéu? Ao longo da história ocidental, o chapéu foi se mantendo e modificando sua forma, uso, matéria-prima, mas esteve presente no cotidiano das sociedades nas quais existia. O artefato chapéu, no entanto, não modificou sua finalidade que é a de revestir a cabeça de homens e mulheres. Assumiu, no entanto, formas, cores, texturas diversas, significados diversos e foi vestido por milhares de pessoas, constituindo biografias que os individualizavam no contexto no qual eram utilizados. A história social dos objetos abstrai a individualidade de cada unidade; independente dos elementos que possam ser únicos em um artefato, a história social é maior e reflete o processo de construção daquele objeto dentro do contexto social.

A biografia do objeto, no entanto, é o processo que individualiza o objeto perante outros semelhantes ou dentro de um contexto próprio. Tendo, então, como ponto de partida sua produção, criação ou elaboração pelo homem e pela sociedade – ou mesmo se tratando de um objeto natural, a contar do momento em que esse passa a ter utilidade como utensílio para o ser humano (uma pedra ou uma árvore, por exemplo) – o objeto começa a constituir uma vida social pelos usos e práticas que a ele se ligam, conforme a utilidade que esse atenda socialmente²⁵.

No estudo da história social de objetos é que se pode desvendar, por fim, como uma sociedade se relaciona com esse, quais os usos e práticas que esse objeto materializa, o tipo de agenciamento que este promove, quais suas finalidades dentro de uma sociedade ou por que um objeto é descartado e destruído, deixando de prosseguir com sua trajetória. Em suma, os movimentos que o objeto traceja

25 Appadurai (2006), Geary (2006), Kopytoff (2006) e os textos de Pearce (1993;2005 a) são os principais referenciais teóricos para tal discussão.

dizem mais sobre suas características que a própria materialidade que o compõe como tal. Conclui-se que a história social de um objeto se liga intimamente com a existência temporal do mesmo: enquanto o objeto existir, ele constitui história. As biografias são constituídas por traços definidos; estão atreladas à retirada desse objeto do circuito de comércio e troca, para então se ver encerrado dentro de uma instituição ou sob usufruto de indivíduos e grupos. A biografia do objeto o define como símbolo, isto é, dentro de um contexto definido, atendendo a determinadas funções e sob dadas circunstâncias, o objeto simbólico atende a uma proposta dentro da cultura material, representando uma intencionalidade (por exemplo, a mercadoria que deixa de ser tal para se tornar objeto de museu, a fim de atender a um propósito de exposição).

Na biografia do objeto o que importa é a espacialidade, e não a marca do tempo: não importando em que tempo da sua história é (são) definida (s) a(s) biografia(s), o que lhe personaliza é um valor, efêmero ou duradouro. Esse valor biográfico faz com que esse objeto seja retirado de sua cotidianidade, do circuito de trânsito de mercadorias. É o exemplo do violino vermelho do filme: conforme ele vai atravessando os anos o que o torna relevante na vida das pessoas que o tocam é onde ele está, quem o utiliza, não importando quando ele foi fabricado e qual matéria-prima o compõe.

O objeto que se torna um ex-voto pode ser qualquer coisa, desde que tenha uma biografia que o valide, o confirme enquanto tal. Ele precisa mais do que a materialidade para ser ex-voto, para estabilizar essa relação de fé e devoção com Nossa Senhora Aparecida: o objeto votivo precisa estar no espaço da sala das promessas ou, ao menos, do SNA, para ser visto como tal e isso ocorrem porque alguém o levou até lá. O ex-voto se destina a esse espaço, porque houve um fato, uma motivação por parte de alguém que viu nele, no objeto, a relação de fé entre ele e a imagem de Aparecida. O objeto biografado, nesse caso, será o ex-voto. Diferentemente da relíquia, que permanece embaixo do altar e não se altera o tempo todo, o ex-voto muda com agilidade, transforma-se e não se limita apenas a ser pedaços de corpos ou objetos de contato das pessoas. Eles também podem ser, mas o ex-voto é todo aquele objeto que, segundo a percepção do devoto, assume uma mediação entre ele e Nossa Senhora Aparecida.

Algumas considerações finais

Frohmann (2009) contempla a discussão do documento de uma maneira a fugir da definição do mesmo. A definição ou a formação de um conceito sobre documento não deixa de ser uma construção intencional de algum sujeito ou instituição que o

compreende de determinada maneira a fim de atender às suas necessidades, forças e circunstâncias. Portanto, o autor direciona a discussão no sentido de apreender que mais importante que a própria definição sobre documento é o processo de documentação, ou seja, como tais instituições, sujeitos, pessoas se apropriam dessa ideia para embasar um saber e suas relações de poder. Para o autor, os objetos eram pensados como evidências da realidade, dentro do espaço dos gabinetes de curiosidades, porém somente para atender a intenções prévias e limitadas. Não eram vistos por todos, ao contrário, apenas reis, nobres e poucos indivíduos tiveram acesso a esses espaços que, mais tarde, muitos deles inclusive, resultaram em museus públicos. No entanto, no interior do gabinete de curiosidades, se tinha uma série de documentos, mas documentos que eram apenas compreendidos e interpretados por poucos e segundo visões e percepções bem definidas. Ainda no que tange à discussão sobre documento e documentação, Frohmann (2008, p. 176) propõe um estudo de documentação como sendo algo produtivo, e não conflituoso: isto é, não é novamente necessário definir o conceito de documento, e sim apreender como esse é construído historicamente e a que fins atende bem como quem o produz e a partir de que lugar. Para o autor, “Documentation provides a very robust set of resources – materiality, institutional arrangements, technologies, and power – to investigate specific, historical instances of documentary ontology at work²⁶”. E prossegue para concluir:

When the mere practice of documentation becomes what is documented (the act of representation becomes the thing represented), then documentation becomes constitutive; it brings its own subject into being: “Carrying out an audit is itself an enactment of procedures of improvement” (STRATHERN apud FROHMANN, 2008, p. 176)²⁷.

A prática de documentação, por conseguinte, é uma maneira de proceder que em si mesma torna-se um elemento constitutivo e inextrincável do documento. Por fim, pensar documento implica, inevitavelmente, pensar o seu processo de constituição e de representação.

26 Documentação provê um robusto conjunto de recursos – materialidade, arranjos institucionais, tecnologias e poder – para investigar instâncias específicas e históricas de uma ontologia documental em uso (tradução livre).

27 Quando a mera prática de documentação torna-se o que é documentado (o ato de representação torna-se a coisa representada), então documentação torna-se constitutiva; ela traz seu próprio sujeito em si: cumprindo um exame é ela mesma um ato de procedimentos de desenvolvimento (tradução livre).

Referencias bibliográficas.

- BASSETTI, José Eduardo P.** Basílica de Aparecida: Santuário do Brasil. Florianópolis, Aventura Brasileira, 2004.
- DEBORD, Guy.** A sociedade do espetáculo (1931-1994). eBooksBrasil, disponível em <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>, acesso em 20 jan. 2011.
- ELIADE, Mircea.** O sagrado e o profano: a essência das religiões. Lisboa/Portugal, Livros do Brasil, 2001.
- _____. Mito e realidade. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2002.
- FROHMANN, Bernd.** Documentary, ontology, and politics. Archival Science, v.8, n.3, 2008, p.165-180.
- _____. Revisiting “what is a document?” Journal of Documentation, vol.65, nº2, 2009, pp. 291-303. Disponível em www.emeraldinsight.com/0022-0418.htm Acesso em 24 nov. 2009.
- LÉVI-STRAUSS, Claude.** Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.
- NORA, Pierre.** Entre memória e historia: a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, São Paulo, Prog. Pós-Graduação em História da PUC/SP, dez.1993, pp. 7-28.
- PEARCE, Susan.** Museums, objects, and collections: a cultural study. Washington, Smithsonian Institution Press, 1993.
- SANTUÁRIO Nacional de Aparecida.** Press Kit – Imprensa. Marketing Institucional, Assessoria de Imprensa, s.d. Disponível em: http://www.a12.com/santuاريو/media/arq/Presskit_Geral_Santuاريو_Nacional_atualizado.pdf acesso em 13 jan. 2011.
- STEWART, Susan.** On longing: narratives of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection. Estados Unidos, Duke University Press, 2007.
- TEMPLER, Sara; RADFORD, Katy.** Hearing the voices: sharing perspectives in the victim/survivor sector. Belfast/Irlanda, The Community Relations Council, 2007/08.
- THALER, Henri L.** Holocaust lists and the Memorial Museum. Museum and society, 6(3), nov. 2008, p. 196-215.
- WILLIAMS, Paul.** Memorial museums: the global rush to commemorate atrocities. Oxford/Inglaterra, Berg, 2007.